

Frente de batalha silenciosa

Chacina e julgamento expõem drama do estresse pós-traumático entre militares dos EUA

The New York Times/16-2-2011

Flávia Barbosa
flavia.barbosa@oglobo.com.br

Correspondente • WASHINGTON

A chacina de 16 civis afegãos no último domingo por um sargento americano, suspeito de estar sob forte estresse e fazendo uso abusivo de álcool, e a proximidade do julgamento do oficial Bradley Manning, responsável por vaziar milhares de telegramas diplomáticos americanos ao WikiLeaks em 2009, recolocaram na pauta dos Estados Unidos outra face do controverso legado das intervenções militares no Afeganistão e no Iraque: o abalo psicológico das tropas, que registram índice de distúrbios pós-traumáticos até três vezes maiores do que na população em geral. Após mais de dez anos de guerra, US\$ 1,3 trilhão gastos, 2,2 milhões de soldados mobilizados, 6.300 mortes entre os combatentes e mais de 30 mil feridos graves, especialistas apontam a exposição prolongada ao campo de batalha como o motivo pelo aumento de doenças pós-traumáticas entre militares. Isso demanda ações mais diretas das Forças Armadas e levou integrantes do Congresso a questionarem fortemente o Pentágono ao longo da semana.



MILITARES AMERICANOS condecorados batem continência em uma base do Afeganistão: saúde mental abalada

‘Mais desgaste que na Guerra do Golfo’

• Segundo um estudo do Departamento de Veteranos do governo dos EUA, a incidência de distúrbios de estresse pós-traumático entre os veteranos do Iraque e do Afeganistão varia de 11% a 20%, considerando-se casos já relatados e potenciais (uma vez que há, ainda, tropas recém-retiradas e aquelas previstas para retornarem até 2014). A taxa para a sociedade americana de forma geral oscila de 7% a 8%. O número sugere que as duas guerras serão mais desgastantes psicologicamente que a Guerra do Golfo, que registrou 10% de casos desses tipos de distúrbios — mas ainda abaixo dos 30% observados entre os veteranos do Vietnã. Os muitos casos de danos ao cérebro nas batalhas em

campos afegãos e iraquianos também podem estar contribuindo para o maior número de distúrbios psicológicos.

— Não devemos tomar casos particulares como o do massacre de afegãos como exemplo do que está acontecendo com os soldados. Mas, de forma geral, as tropas estão definitivamente sob alto grau de estresse, após uma década de guerras, com múltiplas missões (para um mesmo soldado, não só em um dos países, mas no Iraque e no Afeganistão em sequência) e em terrenos com inimigos invisíveis, táticas que exigem mais vigilância e inteligência e muita frustração diante da dificuldade de proteger seu pelotão — afirmou a professora Nancy Sherman, da Universidade Georgetown, autora de “A

Guerra secreta: por dentro dos corações, mentes e almas dos nossos soldados”.

Outro estudo do departamento revelou que, em 2010, dos 30 mil suicídios registrados nos EUA, 20% foram cometidos por soldados ou veteranos. O Exército trabalha com números muito mais modestos para o mesmo ano, mas, ainda assim, eles chamam a atenção. Apenas nas suas tropas, foram reportados 468 suicídios entre soldados na ativa e veteranos em 2010, contra 462 mortes em combate no Afeganistão e no Iraque.

Segundo Nancy Sherman, as Forças Armadas têm tentado aumentar o grau de monitoramento das condições psicológicas e estabelecer parâmetros mais severos de comportamento prévio dos recrutas. Também têm investido no treinamento de resis-

Karzai sobe o tom e questiona versão oficial sobre massacre

• CABUL. O presidente do Afeganistão, Hamid Karzai, elevou ontem o tom das críticas aos EUA por uma suposta falta de cooperação nas investigações sobre a chacina que deixou 16 civis mortos no domingo. Ele questionou a versão de que apenas um soldado tenha sido responsável pelo massacre, dizendo que diversas testemunhas do episódio apontam que havia mais de um assassino. Ele também reforçou sua campanha para que as tropas da Otan se recolham a suas bases — o que contraria a estratégia americana de retirada gradual, com conclusão prevista para 2014.

— Essa forma de atividade, de comportamento, não pode ser tolerada. Já passou da hora. Esse é, definitivamente, o fim da linha — afirmou o presidente.

As críticas de Karzai concluem uma semana muito ruim para os EUA no Afeganistão. Anteontem, o grupo radical islâmico Talibã anunciou a suspensão do diálogo com o governo americano, em outro golpe à estratégia de Washington para pôr fim à guerra iniciada em 2001.

Ontem, um acidente com um helicóptero da Otan caiu, matando 14 pessoas em Cabul — 12 soldados turcos e dois civis. Foi o episódio mais mortal para a Turquia desde a chegada de suas tropas ao país, em 2003.

tência, em aconselhamento e no diagnóstico. O objetivo, neste caso, é reduzir a estigmatização dos problemas psicológicos. Isso porque a resistência dos soldados em procurar ajuda, com medo de prejudicar suas carreiras, é um dos principais entraves à descoberta precoce de distúrbios e perturbações que resultam, por exemplo, em excesso de agressividade — e pode levar a ações extremas, como a do autor do massacre no Afeganistão.

— Existe uma evolução cultural lenta no sentido de diminuir o estigma de distúrbios mentais. Isso depende muito do comando lá na base, se os chefes têm habilidades e liderança para identificar os casos e lidar com eles — pontua Sherman.

Em ação pela 4ª vez em oito anos Suspeito bem antes do WikiLeaks

Assassino de 16 afegãos foi recrutado mesmo com sinais de pós-trauma

• WASHINGTON. O sargento americano que assassinou 16 pessoas em uma vila do Afeganistão no último domingo — cujo nome seria Robert Bales — talvez não estivesse em condições psicológicas de ir ao campo de batalha pela quarta vez em oito anos. Esta é uma das principais questões que devem dominar a investigação do massacre que acirrou os ânimos da população local e impôs novo desgaste aos EUA junto ao governo afegão.

As informações preliminares indicam que o homem, de 38 anos e pai de três filhos, lotado na base de Lewis-McChord, no estado de Washington, teria mostrado descontentamento com o recrutamento para o Afeganistão após ter cumprido três ciclos no Iraque desde 2001, quando se alistou após os ataques terroristas de 11 de Setembro. Como resultado de seu embarque, o militar estaria tendo problemas com a mulher.

O homem chegou ontem aos EUA para avaliação física e psicológica e detenção na base de Fort Leavenworth, no Kansas — e também estaria sob forte estresse pós-traumático. Ele teve diversos ferimentos no Iraque, teria relatado aos colegas de tropa perturbação com a morte de vários companheiros e teria, já no Afeganistão, sofrido uma concussão em um acidente de carro após a explosão de uma mina. O distúrbio teria sido potencializado pelo uso abusivo de álcool.

Embora o trauma de guerra não tenha sido considerado atenuante em julgamentos parecidos, essa deve ser uma das linhas centrais da defesa do sargento.

— Ele sofreu ferimentos em duas partes do corpo, então ele não estava certo de que estava saudável o suficiente para voltar (a uma guerra), fisicamente — disse o advogado John H. Browne, contratado pela família.

O massacre é mais um capítulo de uma guerra que pode acabar sem que os resultados de reconstrução e fortalecimento institucional sejam alcançados. Para que grupos como o Talibã e a al-Qaeda não voltem a dominar a região, especialistas afirmam que os EUA precisam estabelecer um plano de longo prazo, com a presença de um efetivo significativo e uma unidade de contrainteligência capaz de fortalecer as forças afegãs — assegurando a estabilidade interna.

— Se não houver isso, a retirada das tropas pode ser daqui a 18 dias ou 18 meses que dará no mesmo: teremos abandonado os afegãos à própria sorte, e eles ainda não têm condições de en-

frentar os desafios, com riscos aos interesses americanos na região. Temos de estabelecer uma parceria estratégica e oferecer segurança, mesmo que isso custe mais homens e mais meses — avalia Thomas Donnelly, do centro de estudos American Enterprise Institute.

Até o fim deste ano, a guerra do Afeganistão terá custado US\$ 557,1 bilhões e mobilizado mais de meio milhão de americanos. As baixas no país somam 1.824 militares das forças dos EUA desde 2001. (F.B.)

Autor do vazamento era da Inteligência, apesar de comportamento imaturo

• WASHINGTON. O soldado americano Bradley Manning foi preso aos 22 anos, em maio de 2010, acusado de repassar ao site WikiLeaks mais de 250 mil telegramas diplomáticos dos Estados Unidos, trazendo à tona os movimentos estratégicos de EUA e seus aliados no Iraque, onde servia, e no Afeganistão. Ele também vazou vídeos com cenas de ataques da coalizão ocidental. Seu caso está em uma corte marcial, e o resultado do julgamento deve sair até o fim deste ano — num episódio que fornece outra evidência das falhas no reco-

Reuters/15-3-2012



O SOLDADO Bradley Manning é escoltado na saída de uma audiência: sob risco de prisão perpétua

Editoria de Arte

O FARDO DAS GUERRAS



GASTOS
US\$ 1,3
trilhão



DURAÇÃO
10 anos e
5 meses



MILITARES
EM MISSÃO
2,2 milhões



MILITARES
MORTOS
6.300



MILITARES
GRAVEMENTE
FERIDOS
34.500

Incidência de estresse
pós-traumático entre militares

De 11% a 20%

Na população em geral, pessoas que
têm o mesmo tipo de desordem mental

De 7% a 8%

nhecimento e tratamento de distúrbios psicológicos nas Forças Armadas.

Segundo depoimentos de companheiros de batalhão e supervisores recolhidos pelo advogado de defesa David E. Coombs, Manning, então analista de Inteligência, teria sido encontrado em uma ocasião deitado no chão da sala de conferências em posição fetal e dado demonstrações constantes de imaturidade. Por exemplo, ao desobedecer ordens recebidas. Ele também estaria passando por dificuldades emocionais por uma suposta perseguição devido à sua homossexualidade.

— Este é um típico caso das dificuldades de avaliação em campo, no batalhão. Os comandantes precisam ter ferramentas melhores para verificar quais soldados têm valor para a missão e quais não têm. E, se encontram um caso que requer tratamento médico, não podem cair na velha cultura de duvidar, de achar que o soldado está inventando, de tratar o distúrbio mental como inerte aos ferimentos físicos. Um dos problemas centrais nas Forças Armadas é a zombaria, o que também inibe o autorreconhecimento do distúrbio — diz a especialista Nancy Sherman.

A guerra do Iraque resultou num maior número de casos de distúrbios de estresse pós-traumático que a do Afeganistão, segundo o Departamento de Veteranos dos EUA: a incidência é de 20 em cada 100 ex-combatentes em solo iraquiano, contra 11 na guerra ainda em curso. A operação iraquiana, porém, teve um contingente maior — 1,5 milhão de homens — e foi um conflito mais sangrento. Morreram lá 4.483 soldados, e mais de 32 mil ficaram gravemente feridos.

Foram investidos nos oito anos de batalha US\$ 750 bilhões. Se não faltaram recursos, sofreram falhas na operação, avalia Thomas Donnelly, do American Enterprise Institute:

— Não há dúvida de que os iraquianos estão melhores hoje que na época de Saddam Hussein. No entanto, a guerra no Iraque não foi um sucesso quando se pensa num processo sustentável de longo prazo. Não existe diálogo político, e as facções continuam se atacando, minando a estabilidade do Iraque. O legado desta guerra é a necessidade de se dar tempo para o fortalecimento institucional. E esses trabalhos os EUA deixam incompletos. (F.B.)